

Jean-Clet Martin

*Derrida, desconstruir a finitude*

Original em: <http://jeancletmartin.blog.fr/2015/07/05/jean-clet-martin-derrida-deconstruire-la-finitude-20638404/>

Trad. Anônimo do séc XX

Por que este título? Responderemos que ele se deve à necessidade de reinvestir Derrida no debate contemporâneo que se diz mais-realista, anunciando, contra o pós-modernismo, a renovação da filosofia. A desconstrução, sob esta perspectiva, seria estéril, atingindo tão somente a uma crítica. Ela teria degenerado numa retórica sofisticada que não chega mais a nenhuma Verdade. Esta inflação de sofismas, de paralogismos, teria, por sinal, já começado com Kant, depois dele a filosofia teria perdido seus objetos mais metafísicos. Nosso conhecimento, desde então, não garante mais nenhuma abertura para o Ser. Para Kant, nosso conhecimento é finito, limitado às perspectivas do sujeito humano. Restam apenas interpretações relativistas ou jogos de linguagem.

Poderíamos logo nos cansar de um tal discurso e considerar as aporias verbosas, sobre este limite do conhecimento, como uma figura desgastada da história. Isso conduziria infalivelmente a que nos libertássemos da modernidade impulsionada por Kant sobre a vertente da filosofia “Crítica” que teria perdido o contato com toda realidade. Mas qual realidade? A mais comum? A mais assegurada pela opinião? A mais totalizante?... É verdade que o conhecimento para Kant não deve pretender determinar o ser em si do real. Este permanece incognoscível, impermeável à nossa aproximação, ao nosso acesso. Eis-nos condenados a uma experiência restrita que nos interdita o acesso à coisa, às coisas em si. Resta como único horizonte, o horizonte fenomenal com, talvez pelo lado da crença, uma porta de saída moral, ela própria problemática quanto à sua realização, sua efetividade. Diríamos, então, que com Kant tudo pendeu para forma humana e subjetiva do “para si”, do perspectivismo se opondo fortemente ao desejo de aceder ao Absoluto. Mas um Absoluto que seria dado por qual fonte, qual autoridade, por qual juiz, qual palavra de ordem?

Que o mundo seja concebido como o correlato da representação é uma injunção kantiana que deixa o sujeito moral se debater como faria uma “bela alma” impotente, completamente ilusória, enclausurada em sua finitude, de modo que o ceticismo kantiano de Schopenhauer vai se apagar num niilismo devastador. Uma aspiração do querer-viver a se abolir no nada. Dizem que só saímos de Kant pela extinção e pelo suicídio. Só resta a injunção de apressar o fim, conforme o fim da filosofia, fim da arte, fim de tudo. Compreenderíamos, então, que hoje reina um certo cansaço e que seja preciso findar com a finitude... Mas, “findar com a finitude”, posicionar-se “após a finitude” é uma modalidade ingênua que se pensa ainda numa orientação que tocara, enfim, no seu fim. Eis-nos tomados por uma injunção quase consumista de uma “novidade”, injunção progressista do que

“ultrapassa”, “sucede” a trilha do niilismo sem ver que após está ainda sob a influência do fim recusado, da página virada, da sequência fechada, do caso encerrado... um movimento que se inscreve na perspectiva histórica, epocal, de um progresso no qual Derrida não crê de modo algum. Retornar a Kant de outro modo foi, portanto, uma opção que se impôs, após Heidegger, tanto a Derrida quanto a Deleuze, e, sem dúvida, desde o início do percurso deles, muito diferente do resto. Mas este retorno a Kant não se fará como em Heidegger para sondar a fundação e estabelecer a arqueologia da filosofia kantiana. A ideia não de retornar ao que se realiza “sob” a finitude, antes dela como fósseis antepredicativos. Nem antes nem depois, a obra de Derrida se inscreve num “tempo fora de seus gonzos”, numa outra forma de pensamento diferente daquela do ser apreendido como tempo ou daquela que o toma como cronologia. A desconstrução de uma ontologia temporal como conjunto das linhas contínuas, sucessivas, é precisamente o que a obra de Derrida vai realizar desmantelando, assim, o modelo da finitude da época moderna. O espaço da escritura mostra, a este respeito, um espaçamento outro que não é diretamente sucessivo ou ainda histórico. Este tempo sem eras abre para repetições, retornos fora do tempo segundo o movimento de uma memória espectral, assombrada (*hantée*) por fantasmas que não respeitam as periodizações, que encavalam a compartimentação da história. São movimentos aberrantes que Derrida distribui numa hantologia (referente ao *hanter*, fascinar, assombrar) que não poderemos disciplinar por uma ontologia, por suas categorias compartimentadas.

Em todas as suas obras, Derrida, interrogará uma sensibilidade que não se reduz às clássicas “formas a priori” do espaço e do tempo de que poderíamos renovar (*ventiler*) as figuras de maneira historial como ainda fará Heidegger. Romper com a finitude, é romper com um certo modelo de história que define a modernidade. E uma operação desse gênero nada deve à intencionalidade fenomenológica, e ainda menos à receptividade da intuição. A intuição não é o único recurso de “realização” de nossas faculdades. Por isso, Derrida nos conduzirá às dimensões de uma multiplicidade desenquadrada, de uma variedade espaço-temporal que ganha o nome de “Différance”. A forma humana do espaço-tempo, submetida às categorias do entendimento, não dão conta da riqueza disparatada do real. E o animal não sintetiza o mundo segundo a forma kantiana de um tempo submetido à causalidade ou ao juízo. Trata-se de um espaço bem mais fibroso, liberado do tempo como simples número do movimento. E o que é verdadeiro para o animal pode se dizer ainda da máquina, da cibernética, das sensibilidades celulares...

Juntando-se a Deleuze nesse ponto, a desconstrução da finitude levará Derrida à elaboração de uma espacialidade e de uma temporalidade cujos arcanos remetem a uma nova maneira de pensar, de inscrever o real à superfície das coisas segundo seus traços, marcas e signos colocados fora de toda fonologia, fora de todo logos. Estamos diante de um tempo que voa em estilhaços, diante de poeiras, de cinzas e fragmentos de tempo que se recompõem conforme outras gramáticas que não

aquelas do “mundo” humano, fora, portanto dos fins do homem. A finitude não é superável se pensarmos em simplesmente abandoná-la ou exaltá-la num “após”. Convém mais desconstruí-la em sua estrutura tanto quanto nas formas do saber que ela impôs. Nesta perspectiva, a arte assim como os movimentos reinscritíveis do vivo ou as velocidades da técnica, testemunham por “mundos” que nada tem em comum, nada a ver com um senso comum ou com a unidade espaço-temporal da receptividade kantiana.

O mundo humano não é o único. Seria preciso apostar numa multiplicidade de mundos, num pluriverso cuja disseminação não é negligenciável e que não faz da “presença a si”, da subjetividade o único critério de inteligibilidade. Há coerências, nestes mundos completamente diferentes, que se efetuam à fronteira da sensação, como deixam pressentir as antenas de um inseto com suas insecções tão estranhas. Tantos signos traçados sobre suas asas, experimentados segundo uma gramagem singular, uma estilística não humana que remonta aos hábitos de um tempo pré-histórico, uma contração de movimentos lentos que Maine de Biran analisou. A desconstrução da temporalidade kantiana reconduz a uma escritura que é também a de uma construção, de um construtivismo imanente à desconstrução, à sua gramática plural. Um conjunto de letras genéticas, de alfabetos monstruosos que fascinam a concretagem da metafísica e que retornam segundo articulações insuspeitadas, espectros que diferem todas as totalizações, todos os totalitarismos inicialmente erguidos pela Razão. Em torno desses espectros gravitam localmente conjuntos que, como mostram as figuras emblemáticas de Derrida, renovam com os gestos inventivos da filosofia, do lado de Condillac, Biran, Ravaisson mas também de Von Uexküll, Joyce, Kafka, Ponge... um outro Derrida é, então, posto em movimento nos ciclos da “différance” que, de Kant a Hegel, relança as peças desmembradas da máquina filosófica.